

Adoção e Psicanálise: a Escuta do Desejo de Filiação

Patrícia Aurília Breckenfeld Alexandre de Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba, PB, Brasil.

Jailma Belarmino Souto
Universidade Estadual da Paraíba, PB, Brasil.

Edivan Gonçalves da Silva Júnior
Universidade Estadual da Paraíba, PB, Brasil.

Resumo: O presente artigo é resultado de uma pesquisa de campo, de base qualitativa, realizada com dez casais inscritos em processo de adoção na Vara da Infância e da Juventude de Campina Grande, PB. O objetivo foi analisar os significantes e as expectativas atribuídos à adoção por casais postulantes. Foram aplicadas entrevistas semiestruturadas com os casais e, posteriormente, feita a análise dos discursos pautada nos pressupostos teóricos e metodológicos da Psicanálise, visando privilegiar o significante repetido nas falas. A adoção foi compreendida como um ato de amor e de ajuda a uma criança, vislumbrada como uma possibilidade de construir uma família, e como uma solução possível ante a insatisfação de não poder gerar um filho, compreendida pelos casais como um meio de poder vivenciar a felicidade através da paternidade e/ou maternidade pela via da adoção. A infertilidade/esterilidade também foi mencionada como uma das principais causas para a busca pela adoção. Nessa perspectiva, os significantes apresentados nos discursos dos pares revelaram a importância de poder escutar as construções subjetivas acerca do desejo pela adoção e possibilitar um espaço para a elaboração dessas questões. Este estudo pode lançar bases para que os profissionais do Judiciário possam discutir e refletir sobre o tema aqui abordado, entre eles, os de Psicologia, que lidam com as demandas de habilitação de adotantes, e nortear práticas com vistas a minorar os casos de devolução de crianças em processo de adoção.

Palavras-chave: Parentalidade, Postulantes à adoção, Vara da Infância e Juventude, Psicanálise.

Adoption and Psychoanalysis: Listening to the Desire of Filiation

Abstract: This article is the result of a field research; a qualitative study carried out with ten couples enrolled in adoption process in the Childhood and Youth court of Campina Grande-PB. It aimed to analyze the significant and expectations attributed to the adoption by applicant couples to adopt. Semi structured interviews were carried out with the couples and later performed the discourse analysis guided by the theoretical and methodological assumptions of psychoanalysis, privileging the most repeated significant in the statements. Adoption was considered an act of help and love towards a child, envisioned as a possibility to build a family. Adoption proved as a possible solution before the dissatisfaction of not being able to bear a child, understood by the couples as a means to be able to experience happiness through paternity and/or maternity via adoption. Still, infertility /sterility proved to be one of the main causes in pursuit of adoption. In this perspective, the significant presented in the couples' speech revealed the importance of listening to the subjective constructions about the desire to adopt, and to provide a space for the elaboration of these issues. This study can develop bases for discussions and reflections for judiciary professionals, including psychologists, dealing with the demands for enabling adopters, and thus, guide practices to alleviating children return situations in the process of adoption.

Keywords: Parenting, Candidate for adoption, Children and Juvenile Courts, Psychoanalysis.

Adopção y Psicoanálisis: la Escucha del Deseo de Filiación

Resumen: Este artículo es resultado de una investigación de campo, un estudio cualitativo que se llevó a cabo con diez parejas inscritas en el proceso de adopción en la Corte de la Infancia y Juventud de Campina Grande-PB. Tuvo como objetivo analizar las expectativas y significativos atribuidos a la adopción por parejas postulantes a adoptar. Se aplicaron encuestas semiestructuradas que se llevaron a cabo con las parejas y más tarde se realizó análisis del discurso guiado por los supuestos teóricos y metodológicos del psicoanálisis, privilegiando el significante repetido en las declaraciones. La adopción se entiende como un acto de amor y ayuda a un niño, como una posibilidad de construir una familia. La adopción se demostró como una posible solución antes de la insatisfacción de no ser capaz de tener un hijo, entendida por parejas como medio para poder vivir la felicidad a través de paternidad y/o maternidad por medio de la adopción. Aun así, la infertilidad/esterilidad resultó ser una de las principales causas de la búsqueda de la adopción. En esta perspectiva, los significantes que se presentan en los discursos de los pares revelaron la importancia de ser capaz de escuchar las construcciones subjetivas sobre el deseo de adoptar, y hacer espacio para el desarrollo de estas cuestiones. En este estudio se pueden poner en marcha las bases para discusiones y reflexiones para que los profesionales Judiciales, incluyendo el psicólogo que trata de quienes irán a adoptar, orienten las prácticas con vistas a aliviar los niños que son devueltos del proceso de adopción.

Palabras claves: Paternidad, Postulantes para la Adopción, Juzgados de la Niñez y la Adolescencia, Psicoanálisis.

Introdução

Este estudo, cujo tema abordado foi a adoção, apropriou-se da perspectiva teórica da Psicanálise, que parte da compreensão de que todo sujeito, seja ele biológico ou adotivo juridicamente, necessita ser adotado no desejo do par parental que o escolheu, elegeu e o nomeou como filho. De acordo com o artigo 41 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), adoção é o ato de atribuir a condição de filho ao adotado, que gozará dos mesmos direitos e deveres, inclusive relativos à sucessão e será desligado de qualquer vínculo com os pais e parentes, salvo se houver impedimentos matrimoniais (Brasil, 1990).

No atual contexto jurídico, político e social, esse tema é sobremaneira relevante e deve ser discutido, questionado e dialogado com os saberes éticos e epistemológicos que a Psicanálise pode ofertar em seu arcabouço teórico. Tais demandas, envoltas pela questão da adoção, podem convocar a atuação do profissional de Psicologia em seus diversos espaços de trabalho.

O interesse por esse tema surgiu da experiência de estágio na Vara da Infância e da Juventude, uma instituição jurídica que efetiva a adoção, conforme estabelecido pelo ECA. Considerando que são vários os casos em que crianças ou adolescentes adotados

são devolvidos, o desejo de escutar os discursos dos casais postulantes à adoção se mostrou pertinente a ser investigado, porque não só se constatou a gravidade da situação, como também os impasses para resolver o problema na prática.

Os discursos são analisados à luz da Psicanálise de Freud e Lacan, na perspectiva de escutar para além do que foi dito e extrair das falas dos sujeitos pesquisados os significantes e as repetições, a fim de provocar levantamentos e discussões sobre o que mobiliza esses pares para o processo de adoção. Pretendeu-se, aqui, lançar bases para discussões e possíveis conclusões, priorizando a singularidade que marca cada sujeito, sem a intenção de generalizar resultados, mas de privilegiar as manifestações inconscientes.

Atrelado a isso, compreende-se que a prática da adoção acompanha a história da humanidade e ocupa diversos significados que foram se transformando de acordo com as mudanças históricas, políticas e sociais. A adoção é ilustrada no trágico mito de Sófocles, em que se destaca Édipo, que foi abandonado e, posteriormente, adotado. Freud apropriou-se desse mito para poder formular construções sobre a constituição humana, através do enigma proposto no Complexo de Édipo e o que se encarna do feminino nessa elaboração.

A adoção também é ilustrada em algumas passagens bíblicas, conforme aponta Magalhães (2000), como nesta, mencionada em Gêneses 16, em que Sara, a esposa de Abraão, diz: “Visto que o Senhor fez de mim estéril, peço-te que vás com a minha escrava. Talvez por ela, eu consiga ter filhos” (p. 267). Essa fala deixa claro que, na impossibilidade de Sara engravidar, ela recorre à escrava, junto ao seu esposo, Abraão.

Na Antiguidade, a adoção de crianças atendia a razões culturais, religiosas, políticas e econômicas e visava atender às demandas e aos desejos dos requerentes, e não aos direitos fundamentais das crianças e dos adolescentes de terem uma convivência familiar que, em outrora, foram violados (Silva, 2009). Na Idade Média, sob diversas influências, dentre elas, a da Igreja, as crianças abandonadas puderam ser assistidas em alguns hospitais da Europa. Foi por volta do século XIII que foi instalada, na Itália, a Roda dos Expostos – um sistema que se difundiu a partir dos séculos XIV e XV e se expandiu na Europa (Marcílio, 1998).

Nesse sentido, devido a uma série de transformações políticas e sociais, somente na Idade Moderna, a partir do século XV, a adoção de crianças passou a ser aceita e, gradativamente, foi se consolidando na legislação (Silva, 2009). No Brasil, a adoção é instituição jurídica assegurada pela Lei do Estatuto da Criança e do Adolescente, que foi implantada em 1988 e promulgada em 13 de julho de 1990 pela Lei nº 8.069 (Brasil, 1990).

O ECA consolidou-se como um marco na história da política de assistência à criança e ao adolescente, porquanto provoca uma série de questões e ações a serem repensadas e efetivadas. Essa lei rompeu com o paradigma de que seu objetivo era o de atender aos interesses e às demandas dos adotantes e passou a priorizar o interesse da criança e do adolescente. Por essa razão, dispõe sobre as diretrizes de proteção integral à vida da criança e do adolescente, cujos artigos 3º e 4º resguardam a garantia à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (Brasil, 1990). Nesse sentido, a criança e o adolescente passam a ocupar o lugar de sujeitos de direitos e de sua história, e suas liberdades e potencialidades devem ser respeitadas independentemente da classe social.

A adoção, por sua vez, adentra esse campo para viabilizar que o direito da criança ao bem-estar, ao convívio com a família e com a comunidade seja resguardado e garantido. O artigo 41 estabelece a adoção

como uma medida excepcional e irrevogável. Podem candidatar-se à adoção homens e mulheres, independentemente do seu estado civil, desde que sejam maiores de 18 anos de idade, 16 anos mais velhos do que o adotado e que lhe ofereçam um ambiente familiar propício. Assim, pessoas solteiras, viúvas ou divorciadas podem adotar. Porém avós e irmão(s) do adotando não podem adotá-los (Brasil, 1990).

De acordo com o art. 45, § 1º, do ECA, serão postos em adoção todas as crianças e adolescentes cujos pais biológicos ou representante legal concordem com a medida ou se os pais estiverem destituídos do poder familiar ou, ainda, se estiverem falecidos. No entanto, só será efetivamente deferida a adoção sempre que ela manifestar reais vantagens para o adotando e fundar-se em motivos legítimos (Brasil, 1990).

Pereira (2007) define a adoção como “o ato jurídico pelo qual uma pessoa recebe outra como filho, independentemente de existir entre elas qualquer relação de parentesco consanguíneo ou afim” (p. 392). Na perspectiva psicanalítica, a adoção, diferentemente do campo jurídico, é tomada como um modo de filiação singular e simbólica por meio do desejo de nomear um filho.

Nesse encontro entre o Judiciário e a Psicanálise, é pertinente elucidar que para esta última, é em nome do desejo, é no lugar de uma falta que surge a criança, seja ela adotiva ou biológica. O desejo assume lugar central, porque é por causa dele que uma criança ou adolescente pode tornar-se filho(a) destes ou daqueles pais. O que conta, nessa relação de filiação, é a transmissão deste enigma do desejo: “Quem sou eu no desejo dos meus pais” (Soler, 2005, p. 95). *Che voy?* Questiona-se o sujeito, buscando “significar, além de seus ditos, através de suas contradições, seus silêncios, seus hiatos ou seus equívocos, tudo o que ela não diz, mas dá a entender aos seus ouvidos atentos” (Soler, 2005, p. 95).

Partindo de tais pressupostos, esta pesquisa objetivou analisar os significantes e as expectativas atribuídos à adoção por casais postulantes à adoção. A seguir, apresentam-se breves discussões sobre a questão da adoção, na perspectiva da Psicanálise, e o desejo presente no ato de adotar uma criança.

Adoção e psicanálise

A Psicanálise evidencia que o lugar da criança no mito familiar é único e singular. A adoção, por sua vez, perpassa a construção fantasmática de toda criança em algum momento de sua vida. Ao tecer algumas

considerações sobre a adoção, sob o ponto de vista da Psicanálise, são necessárias algumas contribuições teóricas sobre o lugar da criança no desejo da mãe (ou de quem ocupe este lugar) e a função paterna como uma lei necessária para a constituição subjetiva do sujeito no campo da neurose. Vale salientar que, para a Psicanálise, as funções paterna e materna não dizem respeito à demarcação biológica de homem e de mulher, mas ao lugar ocupado por aquele que adote um novo ser em seu desejo. Assim, seja um casal hétero ou homoafetivo, ou ainda proveniente de qualquer outro arranjo familiar, o que vai prevalecer é a amarração das funções materna e paterna fazendo circular o falo enquanto lei.

No Seminário 5, *As formações do inconsciente*, Lacan (1957-1958/1999) se debruça sobre o complexo de Édipo e a função do pai em sua incidência entre a mãe e a criança. É a partir da operação simbólica ou não que o sujeito se ordena, segundo a relação entre a psicose, a neurose ou a perversão. Lacan, em sua primeira clínica, a estrutural, ao fazer uma releitura do complexo de Édipo, criado por Freud, propõe três tempos lógicos para assinalar a posição da criança diante do enigma sobre o real do seu ser.

Lacan (1957-1958/1999) refere que, em um momento inicial, a criança se coloca na posição de falo imaginário, pois o sujeito se identifica especularmente com aquilo que é o objeto de desejo da mãe, o falo. É nessa operação imaginária, na tríade mãe, falo e criança, que marca o primeiro tempo do Édipo. No segundo tempo, o pai intervém no desejo da mãe e priva-a do falo. A chave do Édipo encontra-se nessa estreita relação, nesse ato de remeter a mãe a uma lei que não é a dela, mas de Outro, o pai, em sua função. “O que constitui seu caráter decisivo deve ser isolado como relação não com o pai, mas com a palavra do pai” (p. 199).

Já no terceiro tempo, o pai tem, dá e intervém como real e potente. Ele pode dar à mãe o que ela deseja: “Aqui intervém, portanto, a existência da potência no sentido genital da palavra – digamos que o pai é um pai potente. Por causa disso, a relação da mãe com o pai torna a passar para o plano real” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 200). Partindo desses pressupostos, Lacan (1957-1958/1999) enfatiza uma questão peculiar sobre o desejo da mãe que incide sobre o sujeito, ao dizer que, no desejo da criança, ela é essencial. O que deseja o sujeito? O autor supracitado dirá que não se trata da simples apetência das atenções, do contato ou da presença da mãe, mas “da apetência de seu desejo.

A partir dessa primeira simbolização, em que se afirma o desejo da criança, esboçam-se todas as complicações posteriores da simbolização, na medida em que seu desejo é o desejo do desejo da mãe” (p. 188).

Essa primeira simbolização abre para a criança a dimensão do que a mãe pode desejar de diferente. Portanto, o pai assume uma função nodal nessa relação do sujeito ao atravessar o Complexo de Édipo, uma vez que priva a mãe do objeto de seu desejo – o objeto fálico. Em sua compreensão, o desejo do Outro, que é o desejo da mãe, comporta um para-além que é necessário à mediação da lei simbólica. Como aponta Drummond (2005), a mãe é para o filho uma certeza, e a tarefa da criança será de restaurar o pai, fazer dele uma versão para seguir crescendo nele.

E a mensagem do pai endereçada ao desejo da mãe sobre o sujeito não é simplesmente “não te deitarás com tua mãe”, mas um “não reintegrarás teu produto”, que é endereçado à mãe (Lacan, 1957-1958/1999, p. 209). Então, para Lacan, na medida em que o objeto do desejo da mãe é tocado pela proibição paterna, o círculo não se fecha completamente em torno da criança, e ela não se torna puro objeto da mãe, uma vez que não é a mãe que ela deseja, mas seu desejo.

O desejo na adoção

Freud (1909/1996), em *Romances Familiares*, aponta que a adoção faz parte da construção dos romances familiares de todas as crianças em algum momento de sua vida. Nessa obra, aborda as interfaces dessa “ficção” – sua origem, seu desenvolvimento e objetivos – a partir do seu envolvimento na clínica.

Na compreensão de Freud (1909/1996), a função dos pais assume um lugar primordial, porque, para a criança, são a fonte de todos os conhecimentos, portanto, crucial para o seu desenvolvimento. Esse romance familiar diz respeito à família da criança e aos interrogantes sobre os quais ela se questiona, sobre a sua existência, origem e sexualidade. Segundo Fryd (2005), tal obra nos ensina que a ideia de filho adotivo é uma novela familiar que reafirma o sonho para todo sujeito neurótico de ter pais mais dignos, à altura de seus sonhos ideais. Nessa difícil questão para a criança, ela toma sua família através de um romance. “A novela familiar é a construção que a criança faz frente aos impasses que a própria estrutura lhe impõe” (Drummond, 2005, p. 111). Assim, é através da ficção que a criança cria uma versão imaginária do que a une aos seus pais.

Mais adiante, Lacan (1984/1987) utiliza a expressão “complexo familiar”, em sua obra *Os complexos familiares na formação do indivíduo*, aborda essa dinâmica familiar e compreende-a como grupo humano que desempenha um papel primordial na transmissão da cultura e estabelece entre as gerações uma continuidade psíquica, cuja causalidade é de ordem mental. Lacan (1984/1987) aponta, no caso da adoção, para um domínio das instâncias culturais sobre as naturais, uma vez que o sentimento de paternidade se deve aos postulados espirituais que marcaram seu desenvolvimento.

Bassols (2016) discute que a família constitui um sistema simbólico em que as relações estão organizadas a partir de um significante mestre que somente de modo contingente e singular pode levar a formas de identificação com os modos de reprodução e descendência. As questões que tomam os sujeitos na formação dos vínculos familiares dizem respeito ao modo de gozo sintomático. É o desejo do Outro que inscreverá a criança em sua “indizível e estúpida existência” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 555), por meio da linguagem, há uma possibilidade do vir-a-ser de um sujeito desejante, que se apropria da fala e constrói o seu lugar no mundo dos falantes (Lacan, 1957-1958/1999).

Nessa compreensão, assim como não há garantias para o sujeito, seja ele gerado biologicamente, também não é possível ter garantias para o sujeito pela via da adoção, uma vez que, para a Psicanálise, “tanto faz se o sujeito é geneticamente filho de seus pais, o que conta é sua inscrição num desejo que não seja anônimo” (Moura, 2013, p. 392).

É sobre esse desejo que se funda e constrói o lugar do sujeito em sua existência. Sobre a concepção de família abordada por Abeles et al. (2005), em seu dispositivo de trabalho com a instituição da adoção, eles a compreendem como uma estrutura que se funda em uma decisão de cada um dos que desejam a adoção:

Suporta tanto a transmissão do desejo e da lei, como o gozo enigmático que os une. Isto incide sobre o efeito que provoca o encontro com o enigma que se apresenta na forma de uma criança a qual não se tem desde a origem (p. 67).

É sobre esse gozo enigmático, através dos ditos e dos não ditos, na obscuridade de um segredo, que perpassa a trama familiar. Lacan (1998), em *Dois notas sobre a criança*, dirigidas a Jenny Aubry, escrito origi-

nalmente em 1969, a pontua que o sintoma da criança é capaz de responder pelo que há de sintomático na estrutura familiar e pode representar a verdade do par familiar. Partindo do dito de Lacan, Drummond (2007) vai afirmar que a criança toma a linguagem familiar como um norte para a estruturação da sua língua e corpo, ou seja, responde pelo encontro que teve como objeto do gozo do Outro.

Sobre os impasses da construção de uma trama familiar ao sujeito adotado, Drummond (2005) afirma que a construção da novela familiar para os filhos adotivos se dá por meio de um caminho mais complexo. A partir de sua experiência na clínica com crianças adotivas, ela sinaliza que é um eixo verificável que a criança se pergunta sempre pelo desejo da mãe e que sua questão não incide sobre o ato da adoção. Essa pergunta pela “mãe verdadeira” (p. 112) coloca tais crianças em uma situação de “filhos de duas mães” (p. 112). A autora afirma que, no caso de crianças adotivas, a mãe não é uma certeza, e isso as coloca mais confrontadas com a questão da feminilidade da mãe, para além de sua maternidade, e parece ser mais árduo um direcionamento ao pai.

Nessa perspectiva, discutir sobre a clínica da adoção é pensar, particularmente, na filiação, porque ela se apresenta como questão fundamental ao pertencimento do sujeito no seio da família constituída. Como pontuam Queiroz e Speck (2014), no caso dos pais adotivos, quando a inscrição de filho não é possível, a criança fica imersa numa posição de vulnerabilidade e sujeita a um novo abandono. Isso se justifica porque, quando a criança é posta para adoção, já vivenciou um primeiro abandono, decorrente da ruptura com a família de origem.

Em pesquisa realizada por Ghirard (2008) com pais adotivos e candidatos à paternidade, foi ressaltado que a presença de algumas fantasias no discurso parental, quando intensificadas e repetitivas, podem ser expressões sintomáticas de devolução. Isso ratifica a pertinência deste estudo, que nos impeliu a ofertar um espaço de escuta às mobilizações entrelaçadas nos ditos dos casais inscritos em processo de adoção.

Assim, considerando que a Psicanálise se debruça sobre a formação da subjetividade do sujeito, postula-se que é necessário o desejo que nomeie um filho, pois há uma série de impasses que podem repercutir em efeitos devastadores e traumáticos sobre a criança no decorrer de sua vida. Nessa perspectiva, a adoção é uma possibilidade de o sujeito reconstruir novos laços afetivos e de ter lugar marcado em sua história familiar.

Método

Tipo de estudo

Trata-se de uma pesquisa de campo, de base qualitativa, pautada nos pressupostos teóricos e metodológicos da Psicanálise.

Participantes

O estudo foi realizado com dez casais inscritos em processo de adoção na Vara da Infância e da Juventude da cidade de Campina Grande, estado da Paraíba. Dez participantes eram do sexo feminino, e dez, do sexo masculino. Todos residiam em Campina Grande e estavam em processo para adotar uma criança.

Foram incluídos os casais que aceitaram participar livremente da pesquisa e que estavam em processo de adoção de uma criança e excluídos os que não aceitaram participar da pesquisa e que já haviam concluído ou desistido do processo de adoção na Vara da Infância e da Juventude de Campina Grande. Os participantes do estudo foram selecionados através dos critérios de conveniência e acessibilidade. Também se considerou a rotatividade do serviço. O número de entrevistados levou em consideração o fato de que, por ser um estudo qualitativo, não se pretendeu chegar a resultados quantitativos ou passíveis de generalizações, mas priorizar a singularidade dos sujeitos em suas manifestações inconscientes.

Instrumento

O instrumento empregado para coletar os dados foi a entrevista semiestruturada, que contemplou os seguintes aspectos: como os entrevistados entendiam a palavra adoção, os motivos do desejo pela adoção e iniciativa e expectativas sobre a ação. Para caracterizar os participantes, foi utilizado um questionário demográfico, com questões estruturadas sobre o sexo, a idade e o nível de escolaridade dos entrevistados.

Procedimentos de coleta dos dados

A pesquisa foi realizada em julho de 2015, no serviço da Vara de Infância e da Juventude, no município de Campina Grande. Conforme preconizado pelo ECA, é nesse espaço que especificamente são realizados os processos judiciais de adoção.

A pesquisa foi realizada em local de melhor acesso para cada casal entrevistado, como sua residência, o local de trabalho ou o espaço físico da Vara

da Infância e da Juventude, depois de autorização prévia da coordenadora da instituição. A abordagem e a apresentação deste trabalho de pesquisa com os casais eram feitas no momento em que eles buscavam o serviço judiciário para se cadastrar no processo de adoção. Em seguida, depois de os casais confirmarem que aceitavam participar do estudo, procedia-se ao agendamento para a aplicação das entrevistas, que foram gravadas, e as falas dos entrevistados foram transcritas fielmente.

Análise dos dados

O *corpus* obtido com a aplicação das entrevistas foi analisado de acordo com a Análise de Discurso pautada na ética da Psicanálise. Através dos discursos transcritos e submetidos à análise, priorizaram-se as manifestações singulares presentes na cadeia de significantes e suas repetições. Nesse eixo de pesquisa em Psicanálise, é possível escutar as manifestações inconscientes através da atenção flutuante e da transferência que se estabelece quando se vai desenvolver a pesquisa (Calazans, & Serpa, 2010).

Procedimentos éticos

O estudo foi apreciado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual da Paraíba (CEP/UEPB- CAAE: 37340914.7.0000.5187), respeitando-se as diretrizes para pesquisa com seres humanos, de acordo com a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2012).

Resultados e discussão

Perfil dos participantes

Participaram 10 casais heterossexuais que apresentaram uma média de idade de 44,6 anos, entre 32 e 51 anos. Quanto ao grau de escolaridade, 70% (N = 14) cursaram o ensino superior completo, 20% (N = 4), o ensino médio completo, e 10% (N = 2), o fundamental incompleto.

Entendimento sobre a adoção

Nos discursos dos casais postulantes à adoção, muitos elementos foram suscitados a partir do questionamento sobre o que entendem por adoção. Na singularidade que permeou cada discurso, muitos significantes foram atribuídos a esse desejo de ter uma filiação particular. O significante “amor” foi repetitivo em algumas

falas, e o termo adoção foi definido como um gesto de doação, de amor, de entrega, de responsabilidade e do dever de cuidar de uma criança, um ato divino, que foge às explicações, segundo os participantes.

Surgiram aspectos relacionados a não saber a origem da criança adotada. A entrevistada Suênia (46 anos) afirmou: “*A gente sabe que já vem de uma história que a gente também não tem conhecimento*”. Sobre isso, Fryd (2005) alerta que a adoção é um salto na família, um ponto crucial para a paternidade e que depende do saber fazer dos pais para lidar com esse significativo. A ideia de que a criança traz como parte hereditária uma incógnita pode ser um lugar propício para imaginarizar certezas e um ponto fixo que não permite que ela deslize e construa sua história singular, ressignificando a perda da família biológica e reescrevendo a ficção de sua origem, a partir dos novos laços afetivos gerados na atual família. Nesse ponto, a adoção também foi definida como um ato que possibilita a construção de uma família: “*um homem quer ser pai e uma criança que precisa de um pai, se consegue afetivamente com que se crie esse vínculo pelo desejo de se construir uma família*” (Rodrigo, 36 anos).

No discurso de Jardel (34 anos), ele assim se referiu à adoção: “*Eu acho que é isso aí, você criar uma criança como seu filho, independente dela ser ou não filho de sangue*”. Hamad (2002) enfatiza que, na adoção, o que dá laço é um valor simbólico, e não, biológico. Portanto, essa peculiar forma de filiação envolve um desejo singular de quem aposta na instituição jurídica para exercer a paternidade. Sobre a adoção de um filho, Fryd (2005) aponta que o que se pode dizer sobre a adoção é que ela se trata do desejo. Do desejo que fez nascer um sujeito, do desejo dos pais adotivos que o fizeram filho. As coordenadas de um projeto simbólico de adoção perpassam o desejo, que convoca os pais para o enigma da paternidade.

Miranda e Cohen (2012) discutem, conforme exposto nos ensinamentos de Lacan, que o sentido da adoção de uma criança está relacionado a uma rede articulada de significações que pertencem a uma história de vida, trata-se de uma trama formulada muito antes dos pais encontrarem a criança que desejam adotar. Assim como a gestação de um filho ocorre sob a égide de um desejo, a adoção de uma criança deve também ocorrer por meio desse prisma singular de encontro dos sujeitos com seu desejo.

Neste estudo, os participantes também definiram a adoção como uma tentativa de poder ajudar

uma criança e repetir algo da sua história familiar vivenciada, como mostram estes discursos: “*Eu tenho dois irmãos adotivos. E a gente compreende que é uma forma de você ajudar uma criança. [...] Porque a minha mãe, quando teve a vontade de pegar essas duas crianças, ela adotou como forma de ajudar mesmo*” (Inês, 38 anos). “*É dar chance a outra criança que não tem um lar e que realmente precisa de uma família*” (Paula, 32 anos).

Partindo de tais entendimentos, Miranda e Cohen (2012) afirmam que, embora a motivação pela adoção de uma criança seja justificada pela expectativa de salvar uma criança de um destino medonho ou de dar a esta uma condição de vida mais digna, o discurso da mãe ao inscrever o filho como seu é construído a partir de um desejo e no lugar de uma falta. Trata-se aí de reconhecer a relação fantasmática instaurada na relação do filho com sua mãe, vivida como num estado onírico em que a mãe deseja um filho.

A Psicanálise, por sua vez, compreende e discute sobre como a adoção pode repercutir na subjetividade da criança. A questão necessária à vinda de uma criança no seio familiar é de um desejo que não seja anônimo. Esse é o ponto central quando se decide adotar. Nesse sentido, é relevante este questionamento: Em que lugar pode vir a criança desejada pelas postulantes acima mencionadas, tendo como pretensão o simples desejo de “ajudar” a uma criança?

Fryd (2005) atenta para o fato de que, na família conjugal, o que se pode estabelecer pela transmissão do nome é, entre outras coisas, a possibilidade de poder diferenciar as gerações. A eleição ou não de um nome deixa sua marca, que é o que se pode ver na criança. É sobre essa transmissão que se pode assegurar a uma criança a reprodução da vida e a transmissão subjetiva.

Neste discurso de Paula, configura-se a incompletude:

É, eu, na verdade, eu nunca pensei em ser mãe, mas depois que você casa, você começa a pensar, aí chega um ponto no casamento em que você diz: é insuficiente! Eu estava me sentindo assim, insuficiente. Duas pessoas pra mim não bastavam mais. Chega um ponto em que você precisa avançar. É como se há outra etapa, outro estágio no casamento, e aí eu comecei a pensar, a querer ter filhos, e na impossibilidade de ter filhos, fomos pensando e começou a pensar na adoção (Paula, 32 anos).

Tal discurso corrobora o que Lacan (1972-1973/1982) postulou sobre a inexistência da relação sexual, porque o gozo pleno advindo da mãe, ao ser interdito pelo pai, instaura uma falta e constante incompletude que o sujeito viverá em busca de sanar. Essa incompletude, na mulher, é sem limites. A incompletude de Paula, demonstrada na “insuficiência” do seu matrimônio, desliza para o desejo de ter um filho. Em sua fala, o desejo pela adoção surge da falta de algo, é uma falta da falta. Qual, então, o lugar que uma criança vem ocupar no desejo de Paula?

Sobre essa discussão, é importante discutir com Miller (2017) a função que a criança vem operar entre a mulher e a mãe. O autor discute que o objeto criança não só preenche como divide, ou seja, deve haver uma separação entre o desejo da mãe que impõe a criança como objeto que a preenche e que tampona a falta. Assim, é essencial que a criança opere uma divisão e que, assim, ela consiga assinalar a sua função de fazer uma família.

As mobilizações para o ato da adoção

Segundo Drummond (2007), o discurso da Psicanálise visa fazer emergir o desejo que produziu uma criança. Escutar os ditos enunciados pelos pais candidatos à adoção é escutar o lugar que esses futuros pais almejam que a criança esperada ocupe. A partir do que expõe a supracitada autora, é preciso discutir, através dos discursos apresentados pelos participantes, sobre o que os impulsionaram ao processo de adoção.

Nesse ponto, surgiram discursos relacionados ao desejo de “compensação” com o filho almejado.

Já que ela não tem a possibilidade de ter um filho biológico... Porque só duas pessoas numa casa. [...] Agora, tá tudo bem, né? Mas futuramente vai. Mais pra frente a gente vai: Cadê um filho [...]? Faz isso pra mim, faz aquilo [risos] (José, 43 anos).

No discurso apresentado acima, é pertinente um questionamento sobre a função do filho para José (43 anos), que parece vir para suprir uma necessidade individual, que o faz pensar sobre suas questões e os anseios de envelhecer sozinho, em outras palavras, cuidar para ser recompensado na velhice quando necessitar ser cuidado. Ainda assim, mesmo que objetive um cuidador para a velhice, ele fala da falta, quando afirma: “*Só duas pessoas numa casa*” (José, 43 anos), revelando a esperança de um complemento para as duas pessoas que não são suficientes.

A decisão de adotar uma criança e/ou adolescente esteve significativamente relacionada à impossibilidade da gestação, seja devido à infertilidade ou à esterilidade de algum dos cônjuges. O significante “infertilidade” foi bem presente em grande parte dos discursos.

Para Carlos (42 anos), os riscos de saúde por uma possível gestação da sua parceira e o fato de já ter feito o processo de vasectomia os levaram a decidir por adotar um filho. No entanto, afirmou ele: “*Mesmo antes da gente se casar, a gente já falava na possibilidade da adoção*”. Isso denota que, antes de sua união, o casal já pensava na adoção.

Sobre a impossibilidade de gerar uma criança e o desejo de sentir a necessidade de formar uma família, Maria afirma: “*Eu não posso engravidar, e a gente sente essa necessidade, né? De construir, constituir uma família*”. Para Joana (43 anos) e Fábio (52 anos), essa impossibilidade também surge: “*A gente não teve como ter filho, pelo menos até o momento, biológico, e a gente conversou e viu essa possibilidade da gente adotar*”.

Refletindo sobre a sua experiência na clínica psicanalítica com famílias adotivas, Levinzon (2016) explica que o problema com a esterilidade é uma questão a ser elaborada pelos pais candidatos à adoção. Trata-se de uma questão enredada na dificuldade de os pais lidarem com o luto da impossibilidade de gerar filhos o que repercute em feridas narcísicas.

O luto, por não poder vivenciar a maternidade, e a questão da feminilidade são dois aspectos que estão entrelaçados, considerando a trama do complexo de Édipo desenvolvido por Freud. Veja-se este trecho:

[...] porque a mulher, naturalmente, eu acho que ela tem o desejo de ser mãe, desde criança a gente brinca de boneca, vai gerando aquela expectativa de ser mãe um dia [...] mas por motivos de saúde, eu não posso ter filhos naturais (Samara, 45 anos).

Em *A dissolução do Complexo de Édipo*, Freud (1924/2011) compreende a gravidez como o momento fálico da mulher, uma vez que a menina deseja ter um bebê filho do próprio pai, para compensar a renúncia ao pênis. Essa trama que ela vivencia tem suas consequências e desempenho sobre o papel da mãe num momento posterior de sua vida. Freud compreende que, durante a gravidez, a mulher sente-se a detentora daquilo que lhe foi retirado um dia – o falo – e vive às voltas com sua incompletude e falta inerente. A ela lhe falta o falo.

Sob o ponto de vista da Psicanálise, ao lado dos pais, todo nascimento mobiliza a mãe (Fryd, 2005). As funções entre a mãe e o pai se diferenciam. Como tem poder de resposta, a mãe transmite o grito, o chamado, introduz o vazio de sua ausência por sua presença-ausência; é o desejo da mãe. A função paterna é aquela que introduz os significantes que nomeiam o desejo da mãe e surge como uma função simbólica, que interdita o desejo avassalador da mãe. Seguindo nessa perspectiva, Paula (32 anos) afirma:

No início eu disse: não. Eu quero um filho meu. Porque esse é um trabalho dolorido, né? Você se desapegar daquilo, da maternidade. Então, inicialmente eu não queria, mas depois a gente vai amadurecendo a ideia, e eu vi que era uma possibilidade da gente ter uma família maior. De crescer, de se completar. Eu acho que chega um ponto que fica faltando alguma coisa e você precisa de um complemento e eu acho que isso é o ponto em que eu cheguei.

Em Paula, novamente, é pontuada a questão da falta e da incompletude. Fryd (2005) refere que todo nascimento, toda adoção enfrentará a mãe com o ponto de sua falta, assim como a divisão entre ser mãe e ser mulher. A mãe adotiva pode fazer da esterilidade sua falta e ali aparecerão as versões de seu fantasma, que poderão atrapalhar seu filho. A adoção é um lugar privilegiado para identificar a criança na fantasmática materna, em que ela pode separar-se disso, a depender da função paterna. O que pode acontecer é que a mulher que não conseguiu ser mãe biológica pode situar ali sua falta, sua incompletude.

Para Paula, foi necessário o luto da maternidade, uma questão que remetia à sua falta como sujeito situado no campo do feminino. Isso corrobora o pensamento de Hamad (2002) de que, diferentemente da concepção de um filho biológico, a adoção passa pelo luto da transmissão genética, em que os pais vivem a angústia de abrir mão de que o filho seja reflexo e perpetuação da própria imagem de cada um deles.

Iniciativa do desejo de adotar

Previamente, ao recorrer ao Judiciário para poder iniciar um processo de adoção, há toda uma construção anterior à decisão do par em adotar uma criança e/ou adolescente. Nesse sentido, é necessário escutar,

nos ditos dos casais, como se deu tal decisão, se houve a iniciativa de uma das partes do cônjuge, e se houve, como foi a reação da outra parte.

Neste estudo, constatou-se que, dentre os casais entrevistados, houve casos em que a iniciativa de adotar um filho surgiu de um desejo da mulher; outros, do desejo do homem, e, em outros casos, a iniciativa partiu de uma decisão comum entre ambos. Há um destaque a ser pontuado no discurso que segue abaixo:

A decisão foi minha porque já era um sonho meu. Eu tentei, aí partiu de mim a adoção. Aí conversei com o meu filho, aí ele quis mais ainda, ainda por último eu conversei com ele. É porque eu sou mais emotiva, entendesse? Ele é mais na razão. Como eu disse, ofegante, mais emotiva, mais [...] Mãe, eu acho que é mãe, eu acho que já é um sentimento de mãe por essa criança. Ela já tem nome (Sabrina, 50 anos).

Nesse discurso, o desejo surgiu da postulante, de um sonho seu e que, posteriormente, “por último”, foi comunicado ao esposo. No relato, são apresentadas questões que se podem discutir sobre o desejo materno e seus possíveis riscos para a criança idealizada pela postulante. Ela deseja “*dar tudo o que ela precisar e ainda mais*” (Sabrina, 50 anos). Há um para além, um excesso já investido na criança, que já tem nome e sobrenome. Durante a entrevista feita com o casal, foi notório que, em grande parte do tempo transcorrido, Sabrina insistia em falar e, muitas vezes, interrompia a fala do seu parceiro e não lhe dava espaço para se posicionar.

Vale salientar que, para a Psicanálise, a função do pai simbólico, como uma lei que interdita, é primordial sobre a criança, para que ela não seja imersa no fantasma materno e caia no risco da psicose. Por causa disso, é preciso pensar sobre o lugar que a criança idealizada por Sabrina vai ocupar nessa parceria sintomática. Um pai que nada diz e uma mãe que tudo deseja ofertar, um sem limites que se presentifica.

Diante do exposto, algumas questões foram suscitadas: a criança viria para cumprir qual função no desejo da mãe? E esse pai, em que lugar, diante da mãe e da criança esperada, posiciona-se? Essas questões ultrapassam os limites deste trabalho, portanto, não nos propomos a respondê-las.

No discurso de um casal participante, Paula (32 anos) e Jerson (50 anos), há um estranhamento sobre quem teve a iniciativa de optar pela adoção. Ao serem questionados sobre isso, Paula respondeu: “*Acho que foi ele*”. Em seguida, o parceiro afirmou:

[...] não era a minha intenção e vontade era mais dela. Então eu disse [Jerson]: a melhor possibilidade seria da adoção já que você faz tanta questão de um filho. E também teve a questão que ela engravidou esse ano e já perdeu, aí já foi mais um trauma, né? (Jerson, 50 anos).

Nessa parceria sintomática – Paula e Jerson –, percebe-se que há um estranhamento sobre o desejo que nomeie um filho, pois ao que parece, trata-se de um desejo anônimo, entrelaçado a um trauma das gestações fracassadas de Paula (32 anos), uma vez que, conforme havia sido afirmado pelo casal, houve mais de uma gestação sem êxito.

Outro casal demonstrou que compreende a adoção como uma possibilidade de “*unir o útil ao agradável*” (José, 43 anos). Sobre essa problemática, Garavelli (2005) alerta que, em entrevistas que se fazem com futuros pais adotivos, é relevante que eles exponham os motivos que os levam a adotar. Devem compreender que suas mobilizações podem estar muito ligadas “à frustração, à reivindicação ou ao simples apelo de fazer bem ao outro, o que pode acarretar riscos enormes para o próprio futuro e o da criança” (p. 36). Entre esses riscos, a criança adotada pode até ser devolvida. Essa situação exige dela grande reelaboração para lidar com mais uma ruptura na história de sua vida.

Outro aspecto importante que surgiu sobre a iniciativa de adotar um filho corrobora o que Freud, em *Romances Familiares* (1909/1996), diz-nos sobre a construção da trama familiar que todo sujeito faz sobre o real do seu ser. Veja-se este discurso de Joelma:

A gente não sabe se a gente vai ser bom pai, né? Boa mãe. Mas a gente imagina o melhor. Dar uma boa escola, uma boa educação. Quando eu comecei a estudar, os meus pais não tinham maturidade pra me orientar. Tudo o que eu fiz, as decisões que eu tomei, todas foram minhas. O meu pai não tinha condições de me orientar, porque ele não estudou, a minha mãe também estudou muito pouco. Então, eu penso assim que a gente que estudou e tal, em formação, eu penso que a gente tem assim,

condições né? Eu acho que a gente vai saber assim, orientar. Porque, às vezes, orientação é muito importante na vida, né? (Joelma, 32 anos).

Pensando sobre esse romance familiar que perpassa a vida de todo sujeito, poder-se-ia pensar que Joelma tenta assumir e construir uma história diferente da que viveu. Ela deseja adotar uma criança, e o ideal de poder ser uma mãe mais digna e superior à que ela teve. Sobre tal apontamento, é pertinente pensar sobre a função do par parental para a Psicanálise, que evidencia um lugar que se constrói cotidianamente no Um a Um. Não se trata do ato de aprender a ser mães e pais, mas de (re)inventar uma função.

O que se almeja através da adoção

Neste último ponto, sobre o que os pais postulantes à adoção almejam por meio da adoção, surgiram discursos em que alguns sujeitos relataram a questão do tempo e da morosidade do Judiciário para que se concretize a adoção, como mostra o trecho seguinte: “*Eu espero que seja conclusivo o mais rápido possível. A gente vai dar o melhor pra ele*” (Fábio, 52 anos).

As entrevistas feitas com os casais também funcionaram como um espaço de escuta de suas inquietações. Ao que parece, este estudo ousou seus limites e se tornou um espaço de fala para os casais postulantes. Muitas expectativas e idealizações foram expressas por esses sujeitos, que apostam na construção de uma família por meio da adoção, como uma instituição jurídica que possibilita simbolicamente o desejo de cada um. Esta fala de Josinaldo (43 anos) confirma essa assertiva: “*Eu fiquei muito feliz com a entrevista. Bom, porque assim, você explorou coisas que eu não havia falado ainda. Você arrancou aquelas palavras de dentro da gente que a gente tinha vontade de expor*”. Compreende-se que a pesquisa teve os seus efeitos para o participante e que ao lhe ser ofertado o espaço para fala, esse pôde expressar coisas que antes não havia atentado ou até mesmo, nomeado.

As expectativas da felicidade almejada com a chegada de um filho foram questões pontuadas nessa categoria questionada aos casais. No trecho seguinte, essa questão é vislumbrada da seguinte maneira: “*Eu creio que a adoção é uma porta pra gente ser muito feliz. Quando decidimos adotar, a gente se prepara, a gente decide, o filho é eleito. Ele é escolhido*” (Samara, 45 anos).

Para Samara, a adoção é uma possibilidade de ser feliz. A partir do que ela expôs, podemos recordar o que Freud (1930/2010) pontua em sua obra, *O mal-estar na civilização*, que a finalidade da vida humana é de buscar a felicidade, e aponta para algumas saídas para o sujeito na busca pela felicidade alcançada. Entre essas buscas, situa o amor, atitude psíquica familiar a todos os sujeitos, este que anseia amar e ser amado. O amor, o amor sexual experimentado desde os primórdios pelo sujeito, que lhe causou sensação de prazer avassaladora o impulsiona por toda a vida a buscar esse prazer já sentido, eis que segue sendo o seu modelo de busca de felicidade.

É sobre esse lugar do sujeito em sua existência, como ser incompleto e insatisfeito por condição de que Freud fala. Ele é impelido a ser feliz, por meio de um sistema imposto pelo princípio do prazer irrealizável. No entanto, “não somos capazes de abandonar os esforços para, de alguma maneira, tornar-nos menos distante de sua realização” (Freud, 1930/2010, p. 40).

Poderíamos situar que, para Samara, a felicidade idealizada com a chegada de um filho perpassa a questão do amor? Podemos mencionar um trecho da fala de Célia (49 anos) sobre o que almeja da adoção: “[...] é uma troca, a gente vai dar, e a gente vai receber também”. Poderíamos estabelecer a maternidade enquanto uma tentativa de alcançar a felicidade almejada, para essa? Lacan, no Seminário *Mais Ainda* (1972-1973/1982), pergunta-se acerca “do que se trata então o amor?”, “O amor, será que é fazer um só?” (p. 13). Mais adiante, ele expõe: “O que vem em suplência à relação sexual é precisamente o amor” (p. 51). Na definição de amor para Lacan (1972-1973/1982) “é dar aquilo que não se tem” (p. 51).

É justamente por causa da tentativa de fazer existir a relação sexual que o amor advém como uma possibilidade de buscar a completude perfeita. A partir do exposto, não nos propusemos a fazer generalizações, mas a priorizar o lugar de cada sujeito. Assim, destacamos a posição de amor como uma saída para muitos dos casais mencionados nesta pesquisa, porém, deve haver lugar para a desilusão em relação ao filho idealizado. Lendo com Freud e Lacan o dito de amor desses pares parentais está referido à própria ferida narcísica de cada um deles, assim como o anseio subjetivo de completude, na relação particular com a castração. O desejo de adoção, seja o filho biológico ou não, passa pelas idealizações imaginárias de cada um frente ao falo.

Cada discurso elucidado nesta pesquisa perpassa o lugar de cada sujeito em sua existência e na maneira singular de se haver com o desejo da paternidade. Assim como Freud já nos diz sobre o fato de que não há garantias para o sujeito advindo pela via biológica, tampouco há para o sujeito adotado e não há fórmulas que possam designar ou determinar que um sujeito seja filho desses ou daqueles pais, mas, um desejo que o nomeie como filho. E nessas buscas do sujeito, “cada um tem que descobrir a sua maneira particular de ser feliz” (Freud, 1930/2010, p. 41).

Considerações finais

A adoção é um processo em que, na maioria dos casos, os direitos das crianças e adolescentes já foram violados. Isso se justifica porque aqueles que são submetidos a esse processo já foram abandonados precocemente por seus genitores ou estão em abrigos à espera de pais adotivos. Compreende-se que tais acontecimentos podem ter os seus efeitos sobre o sujeito, tanto sobre aqueles que se candidatam a pais, quanto para a criança ou adolescente que foi submetida(o) à adoção.

Considerando essas proposições, este estudo abriu um espaço de escuta da fala desses sujeitos, muitos dos quais expressaram suas angústias e falaram desse lugar que um filho lhes convoca diante do enigmático desejo da paternidade/maternidade, na perspectiva de construir algo sobre esse significante. Vale salientar que, quando os casais falaram sobre o que entendiam por adoção, falaram bem mais além que as expectativas vinculadas à realidade concreta da adoção. Expressaram idealizações vinculadas ao desejo de que a adoção seja uma completude, uma família perfeita, um filho bem cuidado para ser um bom cuidador dos pais na velhice dos mesmos. Idealizações de obediência, retorno nos estudos e devolução de afeto investido.

Os significantes que foram apresentados nos discursos dos participantes denotam que é sobremaneira importante poder escutar o que está coberto pelo véu do dito desejo de adotar uma criança. Este estudo apresentou discussões teóricas psicanalíticas que se mostram relevantes para o manejo de ações dos profissionais envolvidos em demandas de adoções, ao ratificar a função e singularidade da escuta neste contexto, bem como a atenção às especificidades envoltas do discurso de desejo pela adoção de um filho.

As expectativas de completude ante o filho(a) idealizado(a) pelos pares, elucida a necessidade de trabalhos junto aos postulantes direcionados à elaboração e subjetivação da criança ideal, que muitas vezes, é o que pleiteiam, em face da criança “real”. Este processo pode evitar que a possível chegada do filho “real” coloque novamente o casal frente a uma experiência de não potência, assim como evitar a devolução da criança que não atendeu às idealizações do par.

A adoção tem ocupado cada vez mais os espaços midiáticos, porquanto, atualmente, as pessoas querem ter filho a todo custo. Há uma exigência social pautada nos ideais atuais para o discurso de adotar. Por essa razão, é preciso encontrar saberes que possam nortear esse caminho desafiador e enigmático e respaldar práticas essenciais que possam surgir nesse percurso, como nos casos de devolução das crianças.

Muitos significados foram atribuídos a esse desejo particular da adoção, que perpassa questões peculiares dos pares. Foram elucidados elementos por meio dos quais se promoveram discussões sobre o feminino e sobre a infertilidade, abordada em grande parte dos discursos, embora assumindo um lugar singular na história de cada sujeito e na relação com seus pares. Para muitos casais que participaram desta pesquisa, o desejo de adotar um filho apresentou-se como uma possibilidade de fazer existir a paternidade, de construir uma família. Isso contribuiu para se pensar sobre a condição inerente ao sujeito, de que, sob o ponto de vista da Psicanálise em Freud e em Lacan – o sujeito é marcado pela falta.

Ressaltamos que nossa proposta não foi de tirar conclusões ou encontrar resultados passíveis de generalização, mas de escutar, na peculiaridade de cada discurso, o sujeito do inconsciente e suas possíveis manifestações entrelaçadas ao desejo da adoção e lançar possíveis debates. Essa singularidade que permeou cada discurso é prova irrefutável de que o único fator comum a todos esses casais do estudo é que são sujeitos candidatos à adoção e submetidos às leis jurídicas.

Ressaltamos que para o sujeito não há garantias, seja esse biológico ou adotivo. Nesse sentido, não é possível prever o “sucesso” ou o “insucesso” de uma adoção, mas se pode escutar, nos discursos dos que se candidatam, o desejo anônimo ou nomeado que perpassa a questão de adotar um filho. Portanto, a adoção é uma forma de o sujeito (re)construir e (re)inventar sua trama familiar, conforme o que contingencialmente lhe foi ofertado em uma decisão judicial. Trata-se de o sujeito poder fazer do contingencial um “feliz” encontro.

É preciso que haja espaço de acolhimento nas instituições destinadas à adoção durante o percurso em que os postulantes tramitem nesse interesse e no primeiro ano posterior a adoção. Existe uma grande demanda de fala, é necessário que profissionais de Psicologia ofertem espaço de acolhimento às demandas dos postulantes a adoção para expressarem anseios, dúvidas, fantasias, idealizações e possam se questionar com a realidade mais próxima da verdade de cada postulante: que desejo é esse de adoção? O que se adota junto com um filho?

Referências

- Abeles, A., Bruno, M., Chaia, S., Silvia, L., Deleau, A., Diment, B. (2005). Adopción, dispositivo analítico...dispositivo ampliado. In J. Miller (Org.), *Carretel: psicoanálisis com niños* (pp. 65-72). Buenos Aires: Grama Ediciones.
- Bassols, M. (2016). Famulus. *Lacan XXI: Revista Fapol Online*, 2(2), 7-11. Recuperado de http://www.lacan21.com/sitio/wp-content/uploads/2016/10/lacan21_2016_volume2_PT-1.pdf
- Brasil. (1990, 16 de julho). Lei nº. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. *Diário Oficial da União*.
- Brasil. (2012). Conselho Nacional de Saúde. *Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012*. Brasília, DF. Recuperado de <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>
- Calazans, R., & Serpa, T. (2010). Psicanálise e método científico: pesquisa de campo. In F. Kyrillos Neto, & J. O. Moreira (Orgs.), *Pesquisa em psicanálise: transmissão na universidade* (pp. 81-98). Barbacena, MG: EdUEMG.
- Drummond, C. (2005). Nominar la adopción. In J. Miller (Org.), *Carretel: psicoanálisis com niños* (pp. 111-116). Buenos Aires: Grama Ediciones.
- Drummond, C. (2007). A criança objetalizada. *Almanaque*, 1(1), 1-6. Recuperado de <http://www.institutopsicanalise-mg.com.br/psicanalise/almanaque/textos/A%20criança%20objetalizad1.5%20laudas-.pdf>

- Freud, S. (1996). *Romances familiares* (Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 9). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1909).
- Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. In Sigmund Freud, *Obras completas* (Vol. 18, pp. 13-123). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Original publicado em 1930).
- Freud, S. (2011). A dissolução do complexo de Édipo. In Sigmund Freud, *Obras completas* (Vol. 16, pp. 203-213). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Original publicado em 1924).
- Fryd, A. (2005). Um niño es adotado. In J. Miller (Org.) *Carretel: psicoanálisis com niños* (pp. 21-27). Buenos Aires: Grama Ediciones.
- Garavelli, B. (2005). La demanda de adopción: una escucha desde el psicoanálisis. In J. Miller (Org.), *Carretel: psicoanálisis com niños* (pp. 35-40). Buenos Aires: Grama Ediciones.
- Ghirard, M. L. A. M. (2008). *A devolução de crianças e adolescentes adotivos sob a ótica psicanalítica: reedição de histórias de abandono* (Dissertação de mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Hamad, N. N. (2002). *A criança adotiva e suas famílias*. Rio de Janeiro, RJ: Companhia de Freud.
- Lacan, J. (1982). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Original publicado em 1972-1973).
- Lacan, J. (1987). *Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Original publicado em 1984).
- Lacan, J. (1998). Duas notas sobre a criança. *Opção Lacaniana*, (21), 5-6.
- Lacan, J. (1999). *O Seminário* (Livro 5: As formações do inconsciente). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Original publicado em 1957-1958).
- Levinzon, G. K. (2016). Adoção e sofrimento psíquico. *Psicanálise*, 18(1), 57-73. Recuperado de <http://sbpdepa.org.br/site/wp-content/uploads/2017/03/Ado%C3%A7%C3%A3o-e-sofrimento-ps%C3%ADquico.pdf>
- Magalhães, R. R. (2000). *Instituição do direito de família*. São Paulo, SP: Editora do Direito.
- Marcílio, M. L. (1998). *História social da criança abandonada*. São Paulo, SP: Hucitec.
- Miller, J.-A. (2017). A criança entre a mulher e a mãe. *Lacan XXI: Revista Fapol Online*, 3(3), 8-13. Recuperado de http://www.lacan21.com/sitio/wp-content/uploads/2017/04/lacan21_2017_volume3_PT.pdf
- Miranda, C. E. S., & Cohen, R. H. P. (2012). Uma criança é adotada: o lugar simbólico da filiação e seus efeitos subjetivos. *Psicologia em Pesquisa*, 6(1), 61-67. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472012000100008&lng=pt&tlng=pt
- Moura, D. (2013). Maternidade e poder. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 13(1-2) 392-396. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482013000100015
- Pereira, C. M. S. (2007). *Instituição de direito civil: direito de família* (16a ed.) Rio de Janeiro, RJ: Forense.
- Queiroz, E. F., & Speck, S. (2014, Setembro). *O sofrimento psíquico nos casos de devolução de crianças adotadas*. In XII Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental. Tema: Pathos e Saúde, Belo Horizonte.
- Silva, J. A. (2009). *Adoção de crianças maiores: percepções e vivências dos adotados* (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.
- Soler, C. (2005). *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Patrícia Aurília Breckenfeld Alexandre de Oliveira

Formação e Licenciatura em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande – PB. Brasil. Atualmente executa atividades junto ao Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF).

E-mail: patriciabreck@gmail.com

Jailma Belarmino Souto

Psicóloga. Especialista em Psicologia Clínica pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP). Psicanalista, membro correspondente da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP-RN). Doutora em Letras-Literatura pela Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande – PB. Brasil. Professora efetiva no curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba.

E-mail: jailma.souto@gmail.com

Edivan Gonçalves da Silva Júnior

Psicólogo. Graduado em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande – PB. Brasil. Mestrando pelo programa de Pós-graduação em Psicologia da Saúde da Universidade Estadual da Paraíba.

E-mail: edivangoncalves.junior@gmail.com

Endereço para envio de correspondência:

Rua Jacob Frantz, 77, Centro. CEP: 58.910-000. São João do Rio do Peixe-PB, Brasil.

Recebido 26/09/2016

Reformulado 02/08/2017

Aprovado 10/10/2017

Received 09/26/2016

Reformulated 08/022017

Approved 10/10/2017

Recibido 26/09/2016

Reformulado 02/08/2017

Aceptado 10/10/2017

Como citar: Oliveira, P. A. B. A., & Souto, J. B. (2017). Adoção e psicanálise: a escuta do desejo de filiação.

Psicologia: Ciência e Profissão, 37(4), 909-922. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003672016>

How to cite: Oliveira, P. A. B. A., & Souto, J. B. (2017). Adoption and psychoanalysis: listening to the desire of

filiation. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(4), 909-922. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003672016>

Cómo citar: Oliveira, P. A. B. A., & Souto, J. B. (2017). Adopción y psicoanálisis: la escucha del deseo de filiación.

Psicologia: Ciência e Profissão, 37(4), 909-922. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003672016>